

Guerreiros silenciosos

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

No quarto bege, quase no final do corredor, a menininha de cabeça raspada fala de vida. Nesse momento, ela sorri. Diz que aprendeu a rezar. A mãe lhe ensinou. Sabe de cor o Pai Nosso. Sentada na cama daquele hospital, brinca com massinha colorida. Cria formas. Monta bonecos. Os bonecos têm vida. Até conversam com ela. Viraram amigos e confidentes. Aos sete anos de idade, Alyne da Costa Tavares tem câncer. E ela só quer viver. Mesmo que carequinha. Mesmo que em cima daquela cama. Mesmo que, às vezes, a vida insista em dizer exatamente o contrário.

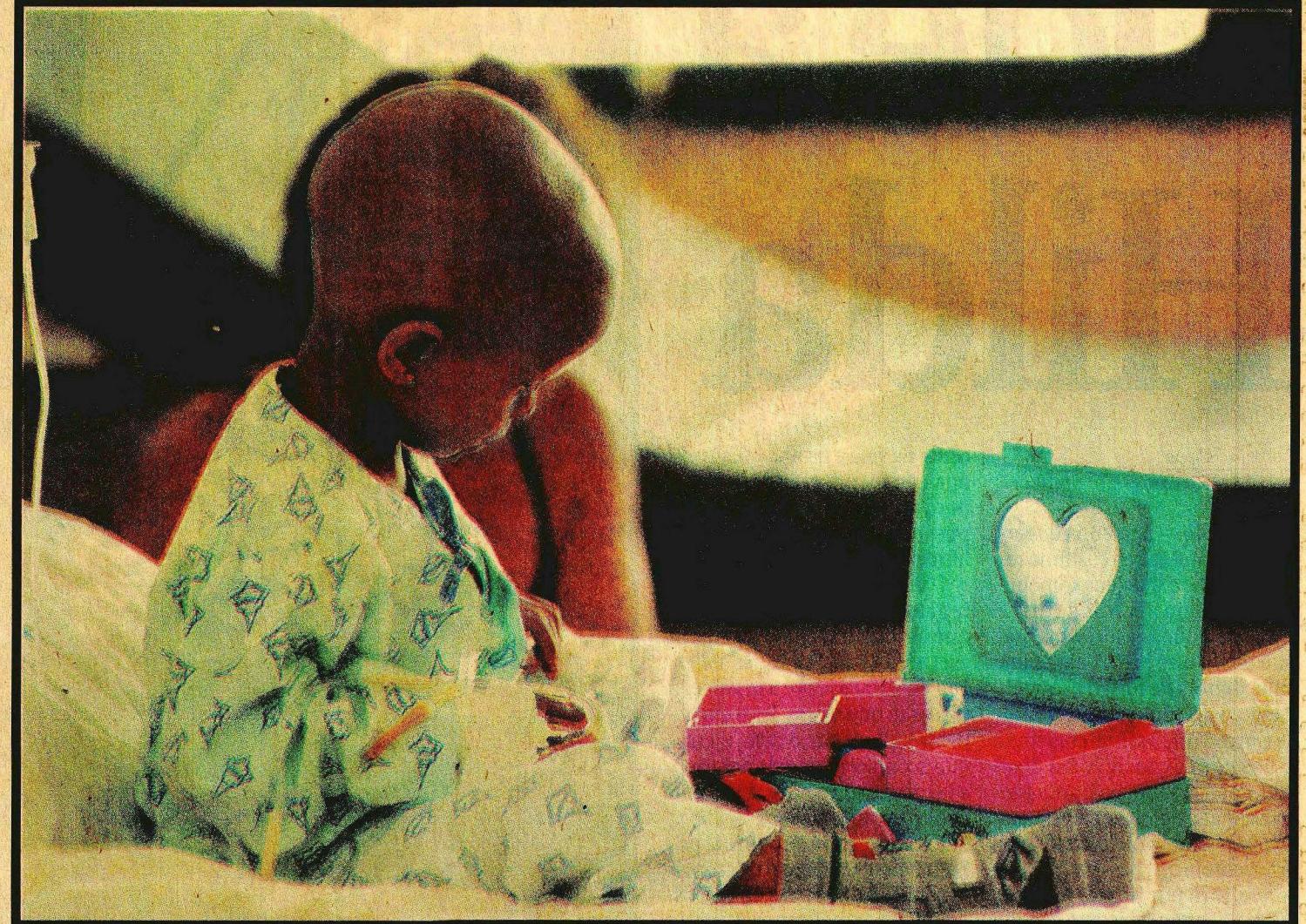
O Hospital de Apoio, onde Alyne faz tratamento desde novembro do ano passado, apesar de algumas perdas, só tem motivos para comemorar. Está entre os hospitais públicos do país que chegam a 70% de cura de câncer infantil — dos mais comuns, como leucemia linfóide (isso sem transplante de medula), aos mais complicados — leucemia mielóide, cânceres ósseos e neuroblastomas (tipo de câncer de células nervosas primitivas localizado no abdômen). "Os índices de cura daqui se comparam aos dos países de primeiro mundo", vibra, com razão, a oncologista pediatra (especialista em câncer) Lucélia Martins, de 34 anos.

Os números da instituição de Brasília — que é subordinada à Secretaria de Saúde — são comparáveis aos do Hospital do Câncer de São Paulo, a maior referência da doença no Brasil. Lá, entre 70% e 80% das crianças respondem positivamente ao tratamento.

Alyne não sabe disso. Não entende de números. Mas aprendeu a rezar. E acredita verdadeiramente que vencerá o câncer que carrega. A menina foi submetida a uma cirurgia. E hoje, dois meses depois, enfrenta as difíceis sessões de quimioterapia.

Brinca com suas massinhas. Faz planos de voltar à escola no Guará, onde mora. "Passei pra segunda série", conta. Em seguida, os olhos entristecem. Como criança que tem medo, chora. É um choro de dor, profundo. E o

Nehil Hamilton



BRENDA FALA POUCO E LUTA PELA VIDA: SESSÕES DE QUIMIOTERAPIA E BRINCADEIRAS COM A CAIXINHA DE MAQUIAGEM QUE GANHOU DA CARIDADE ALHEIA

pior: silencioso. Naquela enfermaria não tem quem não se emocione. Nem a médica, que tenta ser forte e lida todo dia com a morte: "Tenho dois filhos. Às vezes, um paciente tem o nome de um filho, a mesma idade. Aí, fico pensando: 'podia ser meu filho...' Não tem como não tocar a gente."

Do lado de Alyne, a mirrinhina Brenda de Oliveira, de apenas dois anos, também luta pela vida. Quando faz quimioterapia, fica internada por cinco dias. Ela fala pouco. Na verdade, só quer brincar com a boneca sem cabelo e a caixinha de maquiagem que ganhou da caridade alheia. O mundo, longe dos seus brinquedos, não tem a menor importância. Carequinha, Brenda é feliz. Talvez como a boneca dela — coincidentemente carequinha também. As duas se entendem. Tornaram-se cúmplices. Até no silêncio.

CONTINUIDADE

Praticamente todos os dias, histórias dramáticas — e emocionantes — como as de Alyne e Brenda chegam ao Hospital de Apoio. A matemática é assustadora. "São 200 novos casos por ano", contabiliza o diretor administrativo Wellington Antônio Silva, de 35 anos. O tempo médio de tratamento pode durar até dois anos e meio. "Em seis anos, já passaram por aqui mais de 800 crianças. Quase 500 ficaram curadas. Isso é mais que animador", comemora Silva.

Mas, afinal, por que os índices de cura da instituição pública são tão surpreendentes? "Diagnóstico precoce, medicação adequada e, o mais importante, continuidade do tratamento", explica a oncologista Lucélia Martins.

Continuidade no tratamento. Talvez esta seja a palavra-chave. "O índice de abandono está aba-

ixo de 1%", contabiliza, mais uma vez, o diretor administrativo. "As quintas-feiras, dia de voltar para casa, muitas crianças preferem ficar aqui. Elas gostam do hospital. Sentem-se em casa."

DOUTOR DA ALEGRIA

Na manhã de ontem, os *doutores da alegria*, como são chamados os voluntários da Associação Brasileira de Assistência às Famílias de Crianças Portadoras de Câncer e Homeopatias (Abrace) andaram pelas enfermarias do Hospital de Apoio. Invadiram quartos. Vestidos de palhaços, fizeram brincadeiras. Mexeram com as crianças. Animaram-as. Aquele lugar, com gente vestida de jaleco branco, por algum momento, até deixa de se parecer com hospital.

Alyne parou de fazer bonequinhas de massa. Brenda até se esqueceu da caixinha de ma-

quiagem. A bonequinha careca? Assistiu aos palhacinhos sentada no colo dela. Por alguns minutos, no quarto bege, só havia espaço para o sorriso. Nem o soro, com aquela agulha na veia, as fez ficar quietas. "Humanizando o tratamento, a resposta é positiva é bem mais rápida", avalia a oncologista Lucélia.

Uma outra equipe de voluntários, todos dos dias, leva lanche para os pacientes. Festinhas não faltam. Um mundo mágico e lúdico se forma diante daquelas crianças. E ajuda a tornar aquelas sessões de quimioterapia menos dramáticas.

Alyne, que aprendeu a rezar, já fez um pedido: "Deus vai me deixar boa". Tomara. Que o Deus em que acredita, honestamente, atenda às suas preces. E a menininha que só quer viver entre, dentro de pouco tempo, para a animadora estatística dos 70% curados.

Uma ala para transplante

Pelo trabalho que desenvolve com crianças portadoras de câncer, o Hospital de Apoio — e mais oito centros de referência do país — foi homenageado pela Fundação Banco do Brasil com um prêmio de R\$ 600 mil. "Esse dinheiro será investido na compra de equipamento do laboratório de diagnóstico", revela o diretor administrativo, Wellington Silva. O material deverá chegar ao hospital em seis meses.

Excelente notícia para a equipe médica, composta por sete oncologistas, dois enfermeiros, dez auxiliares, dois assistentes sociais, duas psicólogas, uma nutricionista, sete agentes administrativos e dois médicos fisiatras (especialistas em fisioterapia).

"Temos as mesmas drogas dos grandes centros. O que nos falta, realmente, é a melhoria no diagnóstico. Isso vai nos ajudar mais ainda", reflete a médica Lucélia Martins. E mais uma boa notícia. Um grupo de jovens empresários

da cidade está em plena campanha para arrecadar material para a construção da nova ala do hospital. "Será a nossa ala para transplante de medula óssea", antecipa Wellington.

Hoje, os pacientes submetidos a transplantes são encaminhados para Curitiba, São Paulo e Campinas, únicas cidades no Brasil que fazem esse tipo de procedimento.

A maioria das crianças internadas no Hospital de Apoio é carente. Elas vêm da região do Entorno e às vezes até de outros estados. (MA)

SERVIÇO

Hospital de Apoio — Setor de Áreas Isoladas, quadra 4, ao lado da Zoonose. Telefone para contato: 322-6020
Abrace — Instituição que cuida de crianças carentes com câncer — QE 25, Área Especial 1, Guará II. Doações podem ser feitas pelo telefone 381-7265 ou pela conta 405-241-2, agência 0452-9 Banco do Brasil.